

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ACRE



FUTEBOL ACREANO

em Revista

2012



Estrelão conquista o tricampeonato acreano

MEMÓRIAS

com Tadeu Belém,
Milton, Alencar e Touca



SÉRIE D

Atlético sofre
apagão e não
passa da 1ª fase

Na prorrogação,
Galo conquista o
tri do juvenil



Galvez é o campeão da segundona e
vai disputar a elite do futebol local

ENTREVISTAS

com o goleiro
Weverton e o
artilheiro
Eduardo





Federação de Futebol do Acre

Fundada em 24 de janeiro de 1947

Sucessora da
Liga Acreana de SPORTS Terrestre – LAET e da
Federação Acreana de Desportos – FAD

Filiada à Confederação Brasileira de Futebol
Estrada da Floresta, 3.689 - Rio Branco - Acre
Telefone: 68 3225-7991, 3225-7517, 3248-1248
Fax: 68 3225-7485

DIRETORIA

Presidente: Antonio Aquino Lopes
Vice-Presidente: José Marcos Gomes da Silva
Conselho Fiscal: Ademir de Sena Souza,
Francisco Neves de Souza
Suplentes: João Batista de Queiroz, Paulo Maia
Sobrinho, Ademir Pereira Lima
Diretoria Financeira: Peregrino Apolinário de Souza
Secretaria: Thayna de Sousa Miranda
Diretoria Departamento
Técnico: Sandra Andrea de Souza Guerreiro.

COMISSÃO ESTADUAL DE ARBITRAGEM DE FUTEBOL DO ACRE – CEAF

Presidente: José Claudio Teixeira
Membros: Civaldo Neri
Israel Assem

COMISSÃO DISCIPLINAR

Presidente: Ricardo Antonio dos Santos Silva
Vice-Presidente: Marcos Vinicius Jardim Rodrigues
Membros: Roberto Duarte Junior
Thiago Vinicius Swozds Poersch

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DESPORTIVA-TJD

Presidente:
Euclides Cavalcante de Araújo Bastos
Vice-Presidente:
Marco Antonio Mourão de Oliveira

PROCURADORIA

Adolfo Celso Oliveira Reges
Ari Célio Oliveira Reges

Auditores: João Alves Moreira, Mario Jorge
Cruz de Oliveira, Antonio Araújo da Silva, Raildo
Liberato de Souza, Giordano Simplicio Jordão,
Mauro Ulisses Cardoso Modesto, João Augusto
Freitas Gonçalves.

Textos: Francisco Dandão e Manoel Façanha
Revisão: Francisco Dandão
Diagramação: Danto Freitas
Impressão: Gráfica Conceito LTDA
Exemplares: 1000

Todos os direitos reservados à Federação de
Futebol do Acre - FFAC



Sumário

AC Juventus leva o troféu do Torneio Início	04
Ane Azevedo, do Náuas, é a musa do nosso futebol	06
Invicto, Estrelão conquista o tricampeonato	07
Estrelão domina a escolha dos melhores do Estadual/2012	11
Galvez conquista a Segundona	12
Na prorrogação, Galo conquista o tri do juvenil	14
Vasco da Gama conquista título do infantil	15
Assermurb confirma título do feminino	16
Atlético sofre apagão e é eliminado na 1ª fase	18
CRAQUES DA ATUALIDADE	
Weverton	20
Eduardo	22
MEMÓRIAS	
Tadeu	24
Milton	28
Alencar	32
Touca	37
GALERIA DE CRAQUES	41

2012

AC Juventus leva o troféu do Torneio Início



O AC JUVENTUS conquistou o título do Torneio Início ao derrotar na final o Alto Acre FC. Foto/Manoel Façanha

Manoel Façanha

Na primeira prévia para a disputa do Campeonato Acreano/2012, o Juventus não vacilou e conquistou no último domingo do mês de fevereiro o título do Torneio Início, assim levando para sua galeria o troféu Carlos Alberto Oliveira da Silva “Carlinhos Bigode”, ex-jogador do nosso futebol, falecido no começo do ano.

Ao longo da competição foram realizados sete jogos e arrecadados cerca de 1,5 tonelada de alimentos não perecíveis para os desabrigados

das enchentes do Rio Acre.

O único gol do torneio foi marcado no jogo de abertura, na vitória do Rio Branco sobre o Andirá por 1 a 0. O autor foi o volante alvirrubro Paulinho Pitbull, de cabeça.

O Juventus para chegar ao título venceu seus três adversários em cobranças de penalidades. O rubro-negro estreou passando pelo Independência por 2 a 1, com o goleiro Alison Kazumba defendendo duas penalidades.

Na terceira partida da tarde,

vitória também nas cobranças de penalidades do Alto Acre sobre o favorito Galo Carijó por 2 a 1.

No fechamento dos jogos da primeira fase, Náuas e Plácido de Castro fizeram o classificado do interior e o Tigre levou a melhor também nas cobranças dos tiros livres.

Nas semifinais, o Clube do Povo teve pela frente o arquirrival Rio Branco FC. O jogo terminou com empate sem gols. Nas cobranças de penalidades, vitória juventina por 2 a 1.



Na outra semifinal, o Alto Acre derrotou o Plácido de Castro também nos tiros livres, assim carimbando vaga na decisão.

Na grande final, a equipe juventil enfrentou o Alto Acre. O jogo foi bem disputado, mas os dois times não conseguiram chegar ao gol, assim proporcionando a sexta decisão em

cobrança de penalidades.

Nas cobranças, vitória juventil por 3 a 1. Marcelo Cabeção, Mamud e Douglas assinalaram para o rubro-negro, enquanto que Kalu marcou para o Alto Acre.

Para o técnico juventil Ulisses Torres, é importante começar vencen-

RESULTADOS

1ª FASE

Rio Branco 1 x 0 Andirá
Independência 0 (1) x 0 (2) Juventus
Alto Acre 0 (3) x 0 (2) Atlético Acreano
Plácido de Castro 0 (3) x 0 (2) Náuas

SEMIFINAL

Rio Branco 0 (1) x 0 (2) Juventus
Alto Acre 0 (5) x 0 (4) Plácido de Castro

FINAL

Juventus 0 (3) x 0 (1) Alto Acre

O CAPITÃO Erick recebe o troféu de campeão das mãos do cronista esportivo Alberto Casas. Foto/Manoel Façanha

do. “temos que respeitar os adversários. Vamos trabalhar muito mais para que essa equipe cresça dentro da competição”, frisou o treinador.

O goleiro Alison Kazumba, eleito o melhor da posição na disputa do torneio, explicou que as dedicações aos treinamentos compensaram com o título. 



NA primeira fase do Torneio Início, o Náuas jogou melhor e despachou nas penalidades o nervoso Plácido de Castro. Foto/Manoel Façanha



AS MUSAS fizeram a festa do torcedor acreano durante a disputa do Torneio Início do Campeonato Acreano 2012. Foto/Manoel Façanha

A musa do futebol acreano 2012 foi Ane Azevedo, do Náuas

Numa disputa acirrada, a bela Ane Azevedo, representante do Náuas, conquistou a coroa de musa do futebol acreano e uma passagem aérea de ida/volta para qualquer lugar do país. A nova musa do futebol local venceu por 0,5 pontos a candidata Tairine Alves (AC Juventus). Fabiana Fontenelle (Rio Branco FC) ficou em terceiro.

Seis das oito equipes levaram suas musas, apenas Alto Acre FC e Independência não compareceram com suas representantes. Um diretor do Alto Acre FC explicou que a musa do clube teve sua residência atingida pelas águas do Rio Acre, assim preferindo não participar da escolha.

Pelo lado dos tricolores, o assessor de imprensa Antonio Muniz explicou que o curto tempo de preparação para o retorno a divisão especial, após a desistência da Adesg, atrapalhou o planejamento para buscar uma musa para o clube.



AS BELAS Ane Azevedo (Náuas), Tairine Alves (AC Juventus) e Fabiana Fontenelle (Rio Branco FC). Foto/Manoel Façanha

Invicto, Estrelão conquista o tricampeonato acreano

Com a conquista, o Rio Branco passou a somar 43 títulos estaduais e o Atlético Acreano manteve um jejum de 21 anos sem erguer a taça



JOGADORES do Estrelão, comissão técnica e diretoria comemoram o título de tricampeão no gramado do estádio Arena da Floresta. Foto/Manoel Façanha

Manoel Façanha

Numa final de sete gols, disputada dia 27 de maio, no estádio Arena da Floresta, o Rio Branco derrotou, de virada, o Atlético Acreano por 4 a 3, conquistando assim, o título de tricampeão acreano e o 43º da história do clube na competição.

JOGO

Quem foi naquele domingo de maio prestigiar o confronto do segundo jogo das finais, observou dois momentos distintos da partida. No

primeiro tempo, um Galo briguento e brilhante, tanto que abriu três gols de vantagem no placar, com dois gols de Josy e um de Ailton. Na etapa complementar, o Rio Branco foi avassalador e conseguindo a base da experiência de seus jogadores uma virada sensacional com gols de Araújo, Diego (contra) e Kleyr, autor do primeiro gol do alvirrubro.

A HISTÓRIA DO CONFRONTO...

Na história das finais do Campeonato Acreano, Rio Branco e Atlético Acreano disputaram cinco decisões. Duas

foram disputadas em 1962, ano em que o território do Acre havia sido emancipado politicamente. O Estrelão venceu a primeira com Acre território, e o Galo a outra, com o território já emancipado politicamente da união.

A história dos confrontos ainda registra mais três finais envolvendo os dois clubes, duas delas vencidas pelo Estrelão - 1961 e 1977. A outra pelo Galo, precisamente no ano da fundação do clube, em 1952, quando as duas agremiações disputaram, entre si, a primeira final.



NA FINAL do Campeonato Acreano, os craques Josy e Araújo disputam lance. Foto/Manoel Façanha

Numa final de sete gols, disputada dia 27 de maio, no estádio Arena da Floresta, o Rio Branco derrotou, de virada, o Atlético Acreano por 4 a 3, conquistando assim, o título de tricampeão acreano e o 43º da história do clube na competição.

DECISÃO

Quem foi naquele domingo de maio prestigiar o confronto do segundo jogo das finais, observou dois momentos distintos da partida. No primeiro tempo, um Galo briguento e brilhante, tanto que abriu três gols de vantagem no placar, com dois gols de Josy e um de Ailton. Na etapa complementar, o Rio Branco foi avassalador e conseguindo a base da experiência de seus jogadores uma virada sensacional com gols de Araújo, Diego (contra) e Kleyr, autor do primeiro gol do alvirrubro.

A HISTÓRIA DO CONFRONTO...

Na história das finais do Campeonato Acreano, Rio Branco e Atlético Acreano

disputaram cinco decisões. Duas foram disputadas em 1962, ano em que o território do Acre havia sido emancipado politicamente. O Estrelão venceu a primeira com Acre território, e o Galo a outra, com o território já emancipado politicamente da união.

A história dos confrontos ainda registra mais três finais envolvendo os dois clubes, duas delas vencidas pelo Estrelão - 1961 e 1977. A outra pelo Galo, precisamente no ano da fundação do clube, em 1952, quando as duas agremiações disputaram, entre si, a primeira final.

Com a conquista do Estadual deste ano, o Estrelão chegou ao 43º troféu, com o clube conquistando mais de 50% dos títulos da competição.

Num mergulho na história podemos afirmar que o Campeonato Acreano é disputado desde 1919. De lá para cá, foram disputados 83 torneios, sendo que durante 11 anos não houve disputa, por falta de estrutura. O Es-

SÚMULA

4 X 3

DATA: 27/05/2012
 HORÁRIO: 18h
 LOCAL: ARENA DA FLORESTA
 ÁRBITRO: JOSIMAR ALMEIDA
 ASSISTENTE 1: RENER SANTOS
 ASSISTENTE 2: JUSTINO APRÍGIO
 GOLS: Kleyr (2), Diego (contra) e Araújo (RBFC); Josy (2) e Ailton (AA)
 PAGANTES: 1.496
 RENDA: R\$ 9.945,00

CARTÕES AMARELOS: Leandro (AA); Diego Silva, Guilherme, Neném e Douglas (RBFC)

RIO BRANCO: Vanderlei, Ednei, Rodrigo (Juliano/Neném), Guilherme e Xaro; Araújo Goiano, Luciano, Diego Silva e Tomaz (Douglas); Araújo e Kleyr.
 Técnico: Guilherme Macuglia

ATLÉTICO: Máximo, João Carlos (Chumbo), Diego, Ceildo, Fábio, Tragodara, Leandro, Geovane, Gessé (Pato), Josy (Matheus Marques) e Ailton.
 Técnico: Álvaro Miguéis

trelão sobra no estado, como o maior vencedor, enquanto que o Atlético Acreano possui seis conquistas e amarga um jejum de 21 anos.

JOGO

Precisando vencer para levar a decisão para uma prorrogação, o Galo Carijó, após os dez primeiros minutos de partida, cresceu no jogo e apostava na jogada rápida de Ailton e Jessé, além da investida do maestro Josy.

O primeiro gol celeste saiu de assistência de Ailton para o maestro Josy, que não perdoou e abriu o placar a favor do time celeste aos 14'.

O gol deu moral para o Galo, que fez o segundo numa bola trabalhada pelo lado direito aos 20'. O maestro Josy adentrou o campo estrelado ciscou defronte a zaga e soltou o pé. O goleiro Vanderlei nada pôde fazer. Fogo!

Cinco minutos depois, Luciano quase diminuiu, mas a zaga celeste chegou providencialmente e mandou

a bola para escanteio. Três minutos depois, o atacante Araújo chutou com perigo, mas o goleiro Máximo salvou.

O Galo estava demais. Numa falha da zaga celeste, o atacante Ailton ganhou de Guilherme e fez o terceiro gol aos 31'.

A vantagem elástica a favor do Galo fez o técnico Guilherme Macuglia mandar para o jogo o experiente Juliano César aos 32'. O então volante Luciano retornou para a posição de origem ao lado do zagueiro Guilherme. O sacrificado foi o zagueiro Rodrigoão, que deixou o gramado ainda no primeiro tempo.

A mudança sutil feito, o Rio Branco não apenas passou a segurar mais a bola no ataque como passou a trocar mais passes, assim equilibrando as ações.

O primeiro gol estrelado saiu de um lateral cobrado por Xaró, aos 39', onde a zaga celeste não achou a bola. O atacante Kleyr não perdeu e diminuiu a vantagem.

VIRA, VIROU

Na volta dos vestiários, o Rio

Branco resolveu ir para o tudo ou nada. O time estrelado pressionou bastante até conseguir o segundo gol. Juliano César aproveitando jogada rápida fez a assistência para o meio da área. A zaga celeste tentou afastar o perigo, mas o atacante Araújo entrou como uma flecha e fuzilou o gol de Máximo.

Melhor no jogo, o empate estrelado quase saiu aos 12'. Juliano César trocou passe com Xaro. O lateral foi no fundo e colocou a bola na cabeça de Araújo. O baixinho subiu no terceiro andar e testou com perigo. Ufa!

Mesmo atônito na partida, o Galo respondeu num contragolpe aos 19'. Fábio serviu Jessé e o atacante acertou um bom chute, mas a bola explodiu no travessão.

Com o Galo acuado em seu campo de defesa, o Estrelão conseguiu o empate aos 25'. O lateral direito Ednei cobrou falta para o meio da área. A zaga e o ataque estrelado não acharam, mas a redondinha acabou na rede, após desvio de Diego contra a própria rede do goleiro Máximo.

O gol de empate foi uma ducha de água fria na equipe celeste. O Es-

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1º) RIOBRANCO.....	46
2º) ATLÉTICO ACREANO.....	28
3º) INDEPENDÊNCIA FC.....	26
4º) PLÁCIDO DE CASTRO.....	20
5º) JUVENTUS.....	20
6º) ANDIRÁ EC.....	16
7º) NÁUAS.....	15
8º) ALTO ACRE.....	03

trelão, por sua vez, não tirou o pé do acelerador e quase virou o placar aos 30'. O lateral esquerdo Xaró descobriu o atacante Kleyr entre a defesa celeste e fez a assistência, mas o goleiro Máximo cresceu na frente do atacante e salvou com o corpo.

Dois minutos depois, o Galo poderia ter ficado à frente do placar, mas o atacante Ailton demorou na hora de conclusão na pequena área com a zaga estrelada abafando a jogada.

Com o maestro Josy já fora da decisão, devido uma lesão ainda do jogo anterior, o Galo levou a virada aos 38'. O atacante Cleyr aproveitou escanteio da direita e o apagão da zaga celeste para testar para a rede.



COM um time jovem, sob o comando do técnico Álvaro Miguéis, o Galo Carijó ficou com o vice-campeonato da temporada 2012. Foto/Manoel Façanha



SE o título não veio em campo, nas arquibancadas a torcida do Galo Carijó foi eleita a mais alegre da competição. Foto/Manoel Façanha



TORCIDA Pano Branco marcou presença na decisão do Estadual. Foto/Manoel Façanha

VEJA O QUE ELES FALARAM



“Foi uma grande satisfação trabalhar com esse grupo. Quero lembrar para os nossos dirigentes que o futebol local tem jogadores de qualidade. Quanto ao jogo decisivo contra o Rio Branco, não resta dúvida que faltou maturidade para nosso time”
CEILDO, zagueiro/capitão do Atlético Acreano



“Estou muito feliz por ser campeão no meu estado. Só tenho a agradecer à diretoria do Rio Branco pela oportunidade, assim como aqueles que me apoiaram”
KLEYR, atacante do Rio Branco FC



“Nosso campeonato tecnicamente foi bom. O Atlético Acreano foi a grande surpresa. Quero ainda agradecer ao governador Tião Viana pelo investimento nos clubes”
AQUINO LOPES, presidente da Ffac



“Estamos satisfeitos com o desfecho do Campeonato Acreano. O público compareceu à decisão e os dois times fizeram uma grande final. Aproveito para lançar um desafio para que o campeonato do próximo ano comece bem mais cedo”.
MAURO DE DEUS, secretário de Esporte



OS MELHORES do Estadual posam para foto histórica. No destaque, o presidente Aquino Lopes (FFAC) e os jogadores Josy e Leandro. Foto/Manoel Façanha

Estrelão domina a escolha dos melhores do Estadual/2012

Com o fim do Estadual de 2012, os cronistas esportivos acreanos elegeram os melhores da temporada. A eleição é organizada pela Federação de Futebol do Acre, com apoio da Associação dos Cronistas Esportivos. A entrega da premiação ocorreu cinco dias após a decisão. O Rio Branco liderou a lista de premiados. Ao todo, o Mais Querido teve seis indicações: Ednei (lateral direito), Xaro (lateral esquerdo), Paulinho Pitbull e Ismael (volantes), Douglas (Meia) e Kleir (atacante).

O técnico Álvaro Miguéis (Atlético Acreano) foi eleito o melhor da competição. O treinador celeste recebe 11 votos, contra 01 de José Ribamar (Independência) outros dois votos foram em branco.

Os cronistas esportivos, um total de 14, também elegeram Leandro (Atlético Acreano), como a revelação da competição. O

meia Josy (Atlético Acreano) foi eleito o craque do Estadual.

O presidente da Federação de Futebol do Acre, Aquino Lopes, agradeceu os cronistas esportivos pela participação na escolha dos melhores do ano. Lopes lembrou que a premiação ocorreu pelo terceiro ano seguido e busca valorizar os profissionais.

OS NÚMEROS

O atacante Eduardo, do Andirá EC, terminou a temporada na artilharia, com 13 gols. O torneio ainda registrou 62 partidas, 222 gols, média de 3,58. O melhor ataque foi o Rio Branco, com 60 gols, e a defesa menos vazada foi o Independência, com 23 gols.



OS MELHORES



MEIAS
Douglas (RBFC)
Josy (Atlético Acreano)

ATACANTE
Eduardo (Andirá EC)
Kleir (RBFC)

REVELAÇÃO
Leandro (Atlético Acreano)

GOLEIROS
Rafael (Plácido de Castro)

CRAQUE
Josy (Atlético Acreano)

LATERAL DIREITO
Ednei (RBFC)

ARTILHEIRO
Eduardo (Atlético Acreano)

LATERAL ESQUERDO
Xaro (RBFC)

TÉCNICO
Álvaro Miguéis (Atlético Acreano)

ZAGUEIROS
Pé de Ferro (Independência)
Ceildo (Atlético Acreano)

ÁRBITRO
Josimar Almeida

VOLANTES
Ismael (RBFC)
Paulinho Pitbull (RBFC)

ASSISTENTES
Justino Aprício
João Jácome



NA FINAL da Segundona, o atacante Tonho Cabaña dribla o goleiro Diego Braga para abrir o placar para o Galvez FC contra o Vasco da Gama. Foto/Manoel Façanha

Galvez conquista a Segundona

Time da Polícia Militar derrota o Vasco da Gama na final, conquista título inédito e vaga na elite do futebol acreano

Manoel Façanha

Invicto e jogando um futebol convincente, o Galvez superou, no mês de agosto, no estádio Florestão, o Vasco da Gama por 2 a 0, assim sagrando-se campeão da 2ª Divisão do futebol local.

O triunfo não apenas garantiu ao time militar o troféu “Bené”, in-memória ao ex-jogador do Atlético Acreano, falecido este ano, mas também uma vaga na elite do futebol acreano a partir do próximo ano.

A segunda edição do Campeonato Acreano da 2ª Divisão terminou com três jogadores dividindo a artilharia. Ley e Kleber (Galvez FC) e Tharson (Vasco da Gama).



A BANDINHA da Polícia Militar foi o 12º jogador do Galvez na disputa da Segundona. Foto/Manoel Façanha

JOGO

Quando a bola rolou o Galvez tomou a rédeas da partida. O time militar era mais agressivo e ainda aos 11 minutos abriu o placar. O lateral direito Januário entrou pelo meio da defesa e acertou um balaço para abrir o placar a favor do Galvez.

Mesmo com a vantagem no marcado, o Galvez ainda criou algumas outras boas oportunidades de ampliar a vantagem, mas o placar do primeiro tempo ficou mesmo no 1 a 0.

CABAÑA

Com um Vasco apagado e numa tarde pouco inspirada, o Galvez retornou demolidor dos vestiários. O time do técnico Arthur Oliveira não ampliou a vantagem no placar por puro caprichoso de seus atacantes.

Aos 19 minutos, num lance infantil, o lateral esquerdo Rivaldo, já amarelado, acabou expulso. A vantagem numérica de jogadores deixou o

time militar ainda mais próximo título.

O gol que garantiu o grito de é campeão saiu de uma infiltração do atacante Tonho Cabaña entre os zagueiros adversários. O artilheiro ainda teve tempo de fintar o goleiro Diego Braga antes de empurrar a bola para a rede. Gol!

Sem tempo e força para uma reação, os jogadores do Vasco da Gama esperaram pelo apito final do árbitro Carlos Santos. Por outro lado, os jogadores do Galvez caíram na festa ao som das machinhas de carnaval orquestradas pela banda de música da Polícia Militar.

O zagueiro Velásquez e volante Tom, ambos militares da Polícia Militar do Estado do Acre, estavam entre os titulares do jogo decisivo deste domingo. O comandante geral da PMAC, coronel José dos Reis Anastácio, esteve presente na decisão e já falou do planejamento para o próximo ano.



CLASSIFICAÇÃO

CLUBES	PONTOS
GALVEZ ESPORTE CLUBE.....	16
A.D. VASCO DA GAMA.....	13
AMAX ESPORTE CLUBE.....	6
ACRIANO FC.....	0

“Faltou merecimento”

Marcelo Altino, técnico do Vasco da Gama, ao falar da derrota para o Galvez.

“Fui abençoado por Deus”

Tonho Cabaña, ao falar do segundo gol do Galvez.



NA ELITE. Jogadores do Galvez FC, comissão técnica e diretoria comemoram o título no gramado do Estádio Florestão. Foto/Manoel Façanha

SUB-18

Na prorrogação, Galo conquista o tri do juvenil

Manoel Façanha

Uma vitória na prorrogação, por 1 a 0, após empate no tempo normal, deu ao Atlético Acreano o título de tricampeão do certame de juvenis.

Com o triunfo, o Galo Carijó carimbou vaga na edição da Copa São Paulo de Junior/2013.

Nesta temporada o Campeonato de Juvenis contou com a participação de nove equipes: Atlético Acreano, Rio Branco, Vasco da Gama, Independência FC, Andirá EC, AC Juventus, Amax FC, Plácido de Castro e Acriano FC. O representante de Rodrigo Alves (Acriano) ainda no início da competição abandonou o torneio, alegando problema da ordem financeira para

o deslocamento até os locais dos jogos.

Esse é o quarto título seguido conquistado pelo treinador Álvaro Miguéis, que já preparou o time para a disputa do torneio paulista, que será disputado no mês de janeiro do próximo ano.

JOGO

O Estrelão ainda abriu o placar aos 38 minutos do primeiro tempo, através de Neto, mas nos acréscimos, antes do intervalo, o zagueiro João Carlos deixou tudo igual.

No segundo tempo, a partida continuou equilibrada, mas não ninguém mexeu no placar com a decisão indo para a prorrogação de meia hora. No tempo extra, o

CLASSIFICAÇÃO

CLUBES	PONTOS
ATLÉTICO ACREANO.....	28
RIO BRANCO FC.....	23
AC JUVENTUS.....	17
PLÁCIDO DE CASTRO FC.....	16
AMAX FUTEBOL CLUBE.....	11
ANDIRÁ EC.....	11
A.D. VASCO DA GAMA.....	03
INDEPENDÊNCIA FC.....	06
ACRIANO FC.....	00

atacante Pato venceu a defesa estrelada e marcou o gol do título, aos 7 minutos do primeiro tempo.



ATLÉTICO ACREANO SUB 18 - Campeão Acreano de 2012. Em pé, da esquerda para a direita: Artemar, Lauro (auxiliar), André, Raianeli, Mário Jr., João Carlos, Anderson, Natan, Cavallo, Maurício, Ângelo (preparador físico) e Álvaro Miguéis (técnico). Agachados: Giovani Silva, Yago, Oliver, Gustavo Miguéis, Felipe, Leonardo, Pato, Tamarana e Marcelo (preparador físico). À frente: Matheus (mascote). Foto/Francisco Dandão.



VASCO DA GAMA SUB 15 - Em pé, da esquerda para a direita: Jorai (preparador físico), Tiago, Braña, Luís, Ivan, William, Gabriel Paiva, Gabriel César, Mustafa, João Vítor, Nathan e Illimani (técnico). Agachados: Lobinho (diretor), Marcelo, Geovanni, Alessandro, Matheus, Ícaro, Lucas, Nando e Reriel. Foto/Francisco Dandão.

Vasco conquista título do campeonato infantil

O atacante Reriel mostrou todo o seu oportunismo ao marcar os dois gols da vitória vascaína sobre o Rio Branco FC

Manoel Façanha

O Vasco da Gama fez valer o seu melhor retrospecto e conquistou na tarde dia 10 de outubro, no estádio Florestão, o título de campeão infantil da Federação de Futebol do Acre (Ffac).

Depois de um primeiro tempo sem gols, o atacante Reriel mostrou todo o oportunismo ao marcar os dois gols da vitória contra o Estrelão por 2 a 0.

Com a conquista, o técnico vascaíno Illimani Soares confirmou a participação do clube na disputa do Mundialito de Clubes, com data marcada para a primeira quinzena de janeiro de 2013, na cidade de Santa Cruz di La Sierra, na Bolívia.

JOGO

Um primeiro tempo corrido, mas com o Vasco da Gama mais perigoso foi

a tônica do primeiro tempo de partida. Na melhor oportunidade, o zagueiro Carlos Eduardo avançou pela intermediária e acertou um belo chute, com a bola encontrando o travessão estrelado.

GOLS

Na etapa complementar o time vascaíno continuou melhor e o gol era questão de tempo.

Numa jogada pelo lado direito, o atacante oportunista Reriel não perdeu e abriu o placar a favor do time da Fazendinha.

O time estrelado sentiu o gol e não demorou a levar o segundo, após jogo aéreo vascaíno, contando com a falha do goleiro e novamente com o oportunismo de Reriel.



NA decisão, o Vasco da Gama levou a melhor sobre o Rio Branco FC. Foto/Francisco Dandão

FEMININO

Assermurb leva o título do campeonato feminino

Comandadas pela técnica Socorro e pela atacante Dunga, as meninas da Assermurb atropelaram todos os times que encontraram pela frente



ASSERMURB - 2012. Em pé, da esquerda para a direita: Socorro (técnica), Nilce, Baraúna, Tati, Nilza, Célia, Caetana, Mariazinha e Negão (auxiliar). Agachadas: Iza, Leandra, Lôrão, Mara, Neném, Dunga, Valéria, Ju e Leide. Foto/Francisco Dandão

Manoel Façanha

Uma vitória elástica (4 a 1) diante do Custódio Freire, no primeiro sábado de dezembro, no estádio Florestão, garantiu ao time da Assermurb o título invicto do Campeonato Acreano/2012. O resultado ainda garantiu a equipe sindical vaga na disputa da Copa do Brasil/2013.

O certame feminino contou com a participação de sete equipes: Assermurb, Amazônia, Atlético Acreano, Alto Acre FC, AC Juventus, Custódio Freira e Mão Amiga. Os sete clubes jogaram entre si no sistema de pontos corridos.

Os dois melhores jogos da competição ocorrem nos confrontos entre Assermurb 2 x 1 Amazônia e Assermurb 1 x 0 Atlético Acreano.

A competição contou com 21 jogos e 128 gols, uma média de 6,09 gols por partida. A atleta Katrina (Atlético) com dez gols terminou a competição na artilharia.

A Assermurb jogou seis vezes e venceu os seis jogos. O clube marcou 23 gols e sofreu apenas 3, saldo de 20 gols.



CLASSIFICAÇÃO

CLUBES	PONTOS
Assermurb.....	18
Amazônia.....	15
Atlético.....	12
Alto Acre.....	09
Juventus.....	06
Custódio Freire.....	03
Mão Amiga.....	00



JU (ASSERMURB) E JAQUELINE (AMAZÔNIA) brigam pela bola na partida de melhor nível técnico da competição. Foto/Francisco Dandão



AMAZÔNIA - vice campeã. Em pé da esquerda para a direita: Uila, Juliane, Mara, Sandrine, Débora, Darci e Niele. Agachadas: Bruna Carvalho, Dani, Jaqueline, Bruna, Rafinha, Valéria e Raiane. Foto/Francisco Dandão

SÉRIE D

Atlético sofre apagão e não passa da 1ª fase

Manoel Façanha

Com um time de garotos, associado a uma pequena leva de jogadores experientes do futebol local, o Atlético Acreano iniciou bem a disputa do Campeonato Brasileiro da Série D. O clube celeste estreou fora de casa, precisamente contra o Penarol, na cidade de Itacoatiara (AM), interior do Amazonas, vencendo o confronto por 3 a 1.

Logo depois Galo Carijô venceu no

estádio Arena da Floresta o Náutico/RR por 4 a 0, assumindo a liderança do Grupo 1 da competição, que ainda contava com Clube do Remo (PA) e VEC (RO). Neste mesmo duelo, o técnico Álvaro Miguéis agrediu com um soco, no vestiário da equipe, o goleiro Máximo. A diretoria não perdoou a ação do treinador e acabou por dispensá-lo.

No terceiro confronto, no estádio Baenão, na cidade de Belém, o Atlético Acreano arrancou um empate (2 a 2)

contra o badalado Clube do Remo.

Com problema de vagas nos voos para Rio Branco (Acre), a tabela de jogos do Atlético Acreano acabou modificada. O clube, antes de fechar seus jogos do primeiro turno da primeira fase da competição, contra o VEC (RO), recebeu o Clube do Remo. Numa partida ruim, o Galo Carijô, mesmo apoiado pela sua torcida, começou sua derrocada dentro da competição, caindo para a equipe paraense por 3 a 2.



ATLÉTICO ACREANO - série "D". Em pé, da esquerda para a direita: Marquinhos Costa, Ceildo, Alfredo, Máximo, Jessé e Tidalzinho (preparador de goleiros). Agachados: Ailton, Geovani, Joel, Eduardo, Jonas Xavier e Tragodara. Foto/Francisco Dandão



NO ARENA DA FLORESTA, o Galo Carijó foi surpreendido pelo Leão Azul paraense. Foto/Manoel Façanha

A derrota fez mal ao time acreano que, dias depois, voltou a perder dentro do estádio Arena da Floresta para o VEC, por 2 a 0, assim saindo da zona de classificação.

Restando três jogos para o encerramento da primeira fase, o Galo Carijó precisava de três vitórias para avançar na competição. Porém, a equipe conseguiu duas vitórias: Náutico-RR (5 a 1) e Penarol (3 a 2), caindo para o VEC (RO) por 4 a 0.

No total, o Atlético Acreano fez oitos jogos na competição, conquistando 50% de vitórias, um empate e três derrotas. O time celeste durante a competição fez 19 gols e sofreu 15, saldo positivo de 04 gols.



CLUBES	PG	TJ	VI	EM	D	GP	GC	SG	%A
Remo-PA	16	8	5	1	2	20	16	4	66.7
Vilhena-RO	15	8	5	0	3	17	10	7	62.5
Atlético-AC	13	8	4	1	3	19	15	4	54.2
Penarol-AM	9	8	3	0	5	16	16	0	37.5
Náutico-RR	6	8	2	0	6	09	24	-15	25.0



NOVA DERROTA. Depois de perder para o Remo, o Galo caiu em casa para o VEC (RO). Foto/Manoel Façanha

Weverton

Francisco Dandão

Pelo segundo ano consecutivo o goleiro acreano Weverton Pereira da Costa ajudou uma equipe da Série B a subir para a divisão de elite do futebol brasileiro: em 2011 foi campeão, jogando pela Portuguesa de Desportos, e em 2012 chegou ao fim da competição em terceiro lugar (são os quatro primeiros que sobem), defendendo o Atlético Paranaense.

Esse status de ídolo nacional, entretanto, não se configurou assim sem mais nem menos. Para chegar à posição que ocupa hoje no cenário esportivo brasileiro, Weverton percorreu uma longa trajetória, desde que, aos 11 anos, morador do Bairro da Bahia, na periferia de Rio Branco, deu os primeiros chutes, como atacante (pasmem!), numa bola de futebol.

A fase como atacante, na Escolinha de Futebol do Francisco Teles, durou pouco. Somente dois anos. Embora Weverton fosse um atacante que fazia gols em todas as partidas, de vez em quando ele arriscava umas defesas debaixo das traves. E então, num belo dia, aos 13 anos, para suprir a ausência do goleiro da escolinha, ele assumiu a titularidade da posição.

“Isso aconteceu no ano 2000, durante um torneio de futebol soçaite infantil jogado na AABB [Associação Atlética Banco do Brasil]. O nosso goleiro, que era o Wesley, filho do Francisco Teles, faltou e eu fui escalado. Joguei tão bem que logo depois da competição eu fui convidado pelo Mimi para defender as cores do Recriança”, explicou o goleiro.

No ano seguinte, 2001, prestes a completar 14 anos (ele nasceu em 13.12.1987) Weverton foi para o Juventus, convidado pelo técnico Illimani Suarez, onde ficou até o primeiro semestre de 2005, quando, após disputar a Taça São Paulo de Juniores pelo time acreano, foi convidado a ingressar nas divisões de base do poderoso Corinthians, da capital paulista.

Weverton ficou na base do Corinthians até 2006, onde foi campeão brasileiro sub 20. Depois, o goleiro rodou o país, jogando pelo Remo (2007), Corinthians (terceiro goleiro em 2008), Oeste de Itápolis (SP) e América-RN (2009), Botafogo-RP (primeiro semestre de 2010), Portuguesa (segundo semestre de 2010 a 2011) e Atlético Paranaense (2012).

A chance da vida

Sobre as dificuldades enfrentadas na sua mudança do Acre para São Paulo, quando ainda era um adolescente, Weverton explicou que foram inúmeras, mas a maior de todas foi a saudade da família. “Não foram poucas as vezes em que eu chorei de saudade. Mas eu sabia que tinha que resistir. Eu sabia que aquela era a grande chance da minha vida”, afirmou.

“Fora isso”, explicou Weverton, “eu gostaria de destacar duas coisas: uma é que eu posso considerar que tive muita sorte, por ter feito uma boa Copa São Paulo e ter alguém do Corinthians me observando. A outra é que, mesmo eu não tendo jogado no time profissional, eu aprendi muitas coisas lá, convivendo com os profissionais e usufruindo da estrutura deles”.

A respeito das pessoas do Acre que considera terem sido mais importantes para o seu sucesso, Weverton cita, em primeiro lugar, os seus familiares, que deram todo o apoio necessário para a sua ida e permanência em São Paulo. Mas cita também o treinador Illimani Suarez e o desportista Francisco Teles como criaturas de participação fundamental no processo.



O GOLEIRO Weverton ajudou o Atlético Paranaense a voltar a elite do Campeonato Brasileiro. Foto: Cedida

“Os meus familiares não mediram esforços para que eu realizasse o meu sonho. Mas foram igualmente fundamentais para o meu percurso o treinador Illimani e o Teles. O Illimani foi quem me levou para São Paulo. E o Teles foi quem me deu as primeiras lições para ser, ao mesmo tempo, um jogador de futebol e um homem também”, disse Weverton.

E quanto à fórmula para outros garotos seguirem os seus passos e obterem sucesso no futebol de um grande centro, Weverton garantiu que o primeiro requisito é a certeza do candidato a craque de que é isso que ele quer fazer

da vida. “Sem essa convicção, mesmo que o menino tenha muito talento, dificilmente ele vai conseguir chegar a algum lugar”, afirmou.

“No meu caso, cada vez que eu entrava no campo de treinamento, eu pensava que ali estava a chave para o futuro da minha família. Muitas vezes eu chorava, tanto de saudade quanto pela carga pesada dos treinamentos, mas eu havia posto na cabeça que eu não podia desistir. Eu fui para o Corinthians determinado a vencer”, concluiu Weverton.



PRESIDENTE

Aquino Lopes, ao lado do ex-jogador Uchoa, faz homenagem ao goleiro Weverton. Foto: Francisco Dandao

Eduardo



O ATACANTE EDUARDO, então com a camisa do Andirá, em duelo contra o Independência. Foto/ Manoel Façanha

Manoel Façanha

O Campeonato Acreano/2012 estava prestes a iniciar quando o então manobrista do Ponto Seguro, uma rede de estacionamento privado da cidade, instalada no pátio do Itaú Unibanco, revelou à reportagem de O Rio Branco que o grande desejo naquele momento de sua vida era deixar o trabalho duro de manobrista de carros, assim como o salário minguado, para ficar atrás de um caixa de banco. A revelação naquele momento era do atacante andiraense Eduardo Lopes, artilheiro do último Estadual, e um dos reforços do Atlético Acreano na disputa do Campeonato Brasileiro da Série D/2012.

Com 23 anos, formado em Administração de Empresas pela Uni-

norte desde o ano passado, Eduardo Lopes, antes da disputa do Campeonato Acreano/2012, já havia disputado outros dois certames de profissionais da Primeira Divisão. O primeiro deles com a camisa do São Francisco (2010) e o segundo com as cores do Independência (2011). No último ano, o artilheiro conquistou o primeiro título de profissionais, quando ajudou o Andirá EC a levar para casa o troféu de campeão da 2ª Divisão - a primeira conquista da história do clube.

Corpo franzino, mas jogador de muito fôlego, inteligência e chute certo, além de seus dribles desconcertantes com a perna esquerda acabaram lhe rendendo inúmeros elogios após a disputa do Campeonato da 2ª Divisão/2011. O Morcego, logo

após a confirmação do título, já tratou de “amarrá-lo para fazer parte do grupo de 2012”. Outro clube que ficou muito interessado no futebol do atacante foi o Atlético Acreano. Por fim, o Independência, que após ficar com a vaga da Adesg, de última hora, tentou repatriar o jogador, mas não conseguiu o objetivo pelo fato do atleta fazer valer sua palavra aos dirigentes andiraenses.

Surpreso ainda com o sucesso da artilharia, ele quase não acreditava na façanha conquistada com a camisa de um dos clubes mais modestos da cidade.

- Olha, para mim foi uma grande surpresa. Sinceramente, ainda não esperava por esse momento tão cedo, mas estou muito feliz.

Início da carreira...

Revelado pelo treinador Aníbal Honorato, então treinador do São Francisco, na disputa da temporada 2009, Eduardo explicou que, mesmo com o dia corrido entre o trabalho e os

treinos, resolveu se aplicar ainda mais, ora comandado pelo professor Afonso Alves, ora pelo técnico Ulisses Torres.

- Só tenho a dizer que, a cada

gol na temporada, minha confiança crescia e isso foi fundamental para eu conseguir o resultado desejado que era a artilharia e a permanência do Andirá EC na primeira divisão.



EDUARDO em ação quando ainda trabalhava de manobrista no estacionamento privado. Foto/Manoel Façanha

...mudança de vida

Os gols, os holofotes, reconhecimento de seu futebol por parte do público fez o artilheiro morcegueiro pedir, após a disputa do último Estadual, demissão da empresa onde trabalhava para ganhar a vida não com as mãos nos volantes dos carros alheios, mas com as pernas habilidosas que desconcertam defesas e

apavoram os goleiros.

- Estou apostando nisso, mas sei que futebol é hoje, mas não é amanhã, tanto que consegui com muito esforço uma formação superior para garantir o meu futuro.

Casado com a Géssica, Eduardo

ainda é primo em segundo grau do presidente da Federação de Futebol do Acre (Ffac), Antonio Aquino Lopes. Porém, o artilheiro explica que sua boa fase na carreira não tem nada a ver com o primo dirigente.



Tadeu

Francisco Dandão

Natural de Parintins (AM), Márcio Tadeu Varela Belém já na infância revelou o seu talento para o futebol, tal a intimidade com que tratava a bola. Assim, não foi novidade quando surgiu o convite para ingressar no Nacional, de Manaus, em 1965, onde atuava simultaneamente pelas equipes juvenis de futebol de salão e de campo.

Mas a história não ficou por aí. Ainda com idade para jogar nas divisões inferiores, Tadeu foi promovido para o time profissional do Nacional, fazendo companhia a gente do porte de Alfredo Mostarda (zagueiro que depois fez carreira no Palmeiras), Mário Vieira (ex-Madureira - RJ), Rangel e Rolinha (grandes ídolos do futebol amazonense).

Pouco tempo depois, porém, Tadeu compreendeu que era melhor dedicar-se ao futebol de salão, onde recebia um bom dinheiro para atuar pela equipe do próprio Nacional. Nessa modalidade, aliás, Tadeu defendeu ainda o time da companhia telefônica do Amazonas (Camtel), no final de 1971. Os gramados perderam momentaneamente o craque para as quadras.

Mas apenas momentaneamente. É que encantados com as atuações daquele jovem interiorano nas quadras, a Rodoviária tratou de devolvê-lo aos gramados, incorporando-o ao seu plantel. Isso em setembro de 1972. E assim, durante um ano, Tadeu jogou no citado clube, sagrando-se campeão da Taça Estado do Amazonas e do campeonato profissional de 1973.



A vinda para o Acre

O contato com o futebol acreano aconteceu por conta de uma excursão da Rodoviária, em setembro de 1973. O advogado Edmir Borges Gadelha, então presidente do Rio Branco, não teve dúvidas de que Tadeu era o homem certo para dar a estabilidade necessária ao meio campo do Estrelão. Convidou o jogador para ficar e este decidiu aceitar o desafio.

Edmir Gadelha tinha razão. Tadeu entrou no time como uma luva. Cedo o jovem amazonense tornou-

se um daqueles jogadores ditos imprescindíveis para o Rio Branco. Tanto que, ao fim de cada temporada, sempre apareciam muitos convites para ele mudar de clube. Mas ele resistia, permanecendo no Estrelão até o fim do campeonato de 1976.

Campeão do Copão da Amazônia (competição que reunia as principais equipes amadoras do Acre, Rondônia, Amapá e Roraima) em 1976, o ciclo de Tadeu no Rio Branco foi encerrado. E o volante de futebol refinado

resolveu mudar de ares novamente, aceitando um convite para defender o Jorge Wilstermann, time profissional de Cochabamba (Bolívia).

Por conta dessa transferência para a Bolívia, Tadeu virou até personagem de matéria na revista Placar, de circulação nacional. É que, na época, Tadeu foi comprado pelo maior valor jamais pago por um jogador de um time acreano: 50 mil cruzeiros. “Uma transa milionária”, no dizer do jornalista José Chalub Leite, autor da matéria publicada na Placar.



RODOVIÁRIA/1973 - Em pé, da esquerda para a direita: Dirlei, Valter, Joaquim, Toinho, Tadeu e Zequinha. Agachados: Zezé, Julião, Santos, Mário Bacuri e Santiago. Acervo/Tadeu Belém.



RIO BRANCO/1975 - Em pé, da esquerda para a direita: Ili-mani, Tadeu, Cleiber, Tião, Guerreiro e Stélio. Agachados: Teinha, Bruno Couro Velho, Vute Vilanova, Roberval e Laureano. Acervo/Tadeu Belém.



JORGE WILSTERMANN/1976-1977 - Em pé, da esquerda para a direita: Roa, Dellano, Jaime Lima, Navarro, Tadeu e Peres. Agachados: Blanco, Arias, Vasquez, Villalon e Da Costa. Acervo/Tadeu Belém.



ATLÉTICO ACREANO/1977 - Em pé, da esquerda para a direita: Zé Augusto, João Pereira, Nato, Pitico, Tadeu e Valdir. Agachado s: Pedrinho, Manoelzinho, Dadão, Guedes e Nelson. Acervo/Tadeu Belém.

Retorno e decepção

A aventura boliviana durou apenas quatro meses. A troca da diretoria, a eliminação da equipe no torneio classificatório à “Libertadores” e a contratação de um técnico argentino, que trouxe oito jogadores a reboque, reduzindo as chances dos estrangeiros que já estavam no time, fizeram Tadeu voltar para o Acre. Mas aí para defender o Atlético, onde ficou até 1981.

Precisamente em outubro deste ano veio o divórcio com o Galo do Segundo Distrito. Acometido de um grave problema renal, Tadeu não

teve apoio nenhum do clube no que diz respeito a acompanhamento médico. Precisou viajar para o Rio de Janeiro para o tratamento, mas o fez às próprias custas. Talvez a maior decepção do Tadeu no mundo do futebol.

Na volta do Rio de Janeiro, Tadeu mudou de casa mais uma vez, indo para o Independência, em troca de um emprego público e de uma casa no Conjunto Bela Vista. Ficou no clube até 1984, primeiro como jogador, depois como técnico. Acabada a bola, Tadeu resolveu ficar no Acre, onde construiu família

e, mais recentemente, formou-se em Serviço Social.

Hoje, aos 61 anos (ele nasceu em 08.03.1951), Tadeu ainda bate a sua “bolinha” na pelada da Associação Atlética Jumbo, formada, principalmente, por ex-jogadores. Mas o que ele gosta mesmo de fazer é contar as histórias de amor vividas com a bola. É só o interlocutor dar o mote que ele fala por horas a fio. Alvissaras ao grande Tadeu Belém!



INDEPENDÊNCIA/1982 - Em pé, da esquerda para a direita: Deca, Isac, Tião, Tadeu, Zé Augusto e Litro. Agachados: Aníbal, Celson, Salvador, Rose e Tonho. Acervo/Tadeu Belém.

Milton

Francisco Dandão

Num futebol competitivo e altamente técnico, como era o caso do praticado no Acre nos tempos do amadorismo, não é fácil um jogador passar à história como um dos melhores em determinada posição. Em duas posições, então, é tarefa quase impossível. Tanto que poucos - pode-se dizer mesmo “raríssimos” - conseguem notabilizar-se por tal proeza.

Milton Ferreira da Costa, nascido em Rio Branco, no dia 8 de novembro de 1950, é um desses privilegiados que conseguiu jogar em alto nível em duas posições. Primeiro, de 1964 a 1970, ele foi zagueiro, sucessivamente, no Esporte Clube Leão, no Vasco e no Juventus. Depois, em 1971, ainda no Juventus, assumiu-se em definitivo como goleiro.

“Eu gostava mesmo era de atuar na zaga. Coisa que fazia desde os tempos de infantil, no Esporte Clube Leão, onde jogava um monte de garotos bons de bola que depois brilharam nos principais times acreanos. Mas aí, um belo dia, para suprir uma emergência, o Tinoco [técnico do Juventus] me escalou no gol. E aí eu não saí mais”, explicou o Milton.

A emergência ao qual Milton se refere foi a aposentadoria repentina do titular da meta juventina, um catarinense chamado Pope. É que Pope, além de ser um goleiro de altíssimo nível, não se machucava nunca. Assim, o Juventus seguia sem preocupações em ter um reserva à altura. Quando Pope anunciou a aposentadoria, o Juventus foi obrigado a improvisar.

Doze partidas sem sofrer gols

Milton chegou ao Juventus em 1967 para jogar como zagueiro na equipe juvenil. Um ano depois, mesmo ainda com idade para atuar pelo que se chamava na época de “segundo quadro”, ele começou a ser escalado no time principal, ao lado de gente do porte de Ecurinho, João Carneiro, Nemetala, Antônio Maria, Deca, Dadão, Airton, Rômulo e Nostradamus.

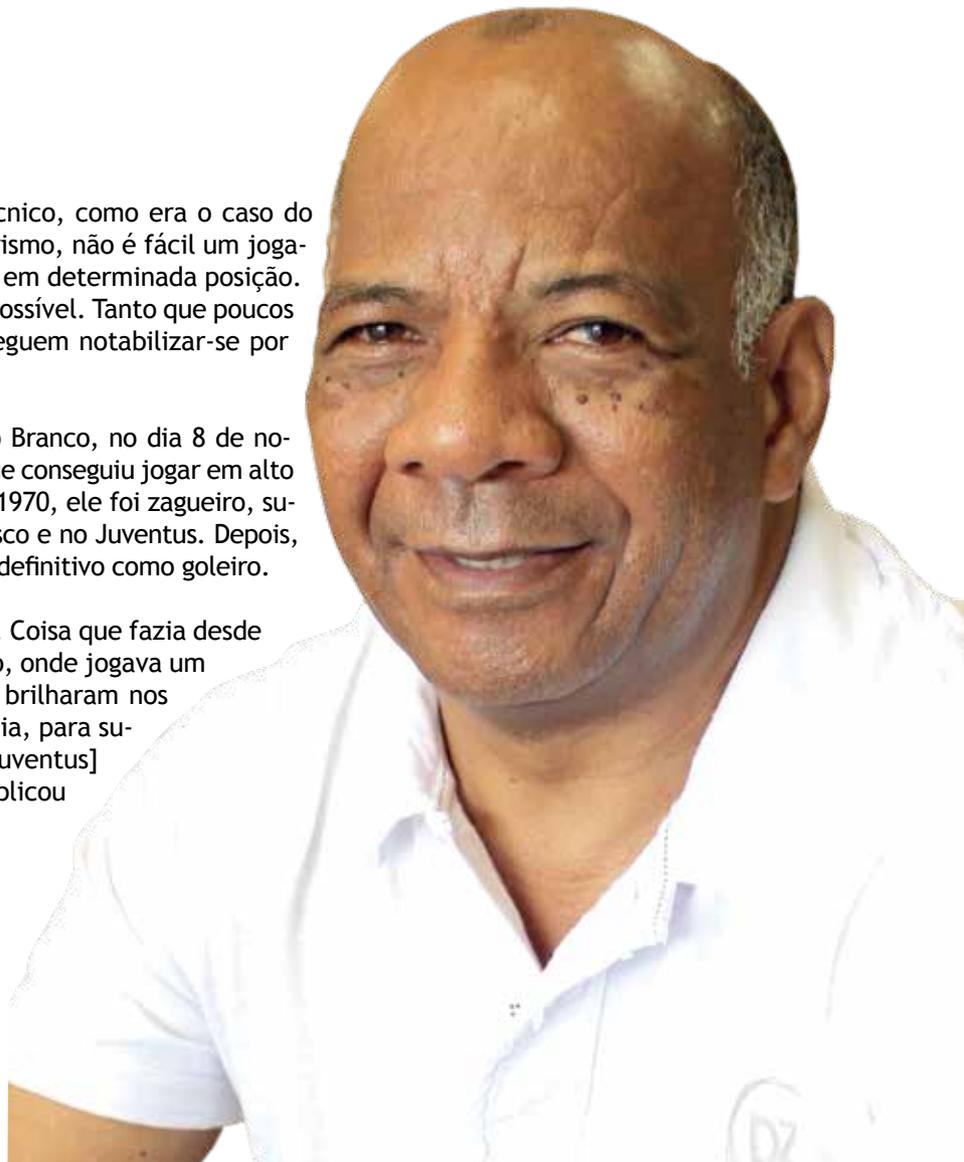
“Para pegar uma vaguinha num time que tinha tanta gente boa era muito difícil. E ainda mais para um garoto do juvenil. Mas eu fui ficando

por ali, comendo pelas beiradas, entrando no decorrer das partidas... Isso em 1968, que foi o ano em que eu fiz o meu primeiro jogo no time titular. Depois, de 1969 pra frente, eu já ganhei mais moral”, afirmou Milton.

Mas foi como goleiro que Milton marcou sua passagem no futebol acreano, ao ficar doze partidas (mil e dezoito minutos) sem sofrer gols num dos campeonatos disputados em meados dos anos de 1970 [ele não tem a lembrança exata se foi em 1975 ou em 1976]. Um recorde

do qual são raríssimos os goleiros que podem se gabar em todo o território nacional.

A respeito do sucesso como goleiro, Milton esclarece duas coisas. Primeira: a de que ele jamais se preocupou em estabelecer recorde algum. Quem chamou a atenção para o feito foi o radialista Marte Rocha. E a outra coisa, a de que ele, antes da emergência que o colocou no gol do Juventus, já ensaiara algumas defesas no futebol de salão quando era adolescente.





ESPORTE CLUB LEÃO/1964 - Em pé, da esquerda para a direita: Milton, Barrinho, Mario Lamas, Bolão, Idalécio e Antônio Maria. Agachados: Messias, Ivan, Dadão, Nelcirene e Albertino Chaves. Acervo/Milton Costa



INDEPENDÊNCIA/1982 - Em pé, da esquerda para a direita: Milton, Lécio, Celson, Tião, Aníbal e Deca. Agachados: Salvador, Rose, Dadão, Nei e Neivo. Acervo/Manoel Façanha



ATLÉTICO ACREANO/1981 - Em pé, da esquerda para a direita: Doris, Milton, Pintão, Gilmar, Jaime e Lécio. Agachados: Manoelzinho, Paulinho Pontes, Raimundinho, Pintinho e Neivo. Acervo/Francisco Dandão

As outras camisas do goleiro

Além do Vasco da Gama (juvenil), como zagueiro, e do Juventus, sucessivamente como zagueiro e goleiro, Milton Ferreira da Costa vestiu outras duas camisas nos seus 22 anos como jogador de futebol (ele permaneceu em atividade de 1966 a 1988): as do Atlético Acreano, em 1981, e do Independência Futebol Clube, nas temporadas de 1982 e 1983.

Para o Atlético ele foi atendendo a uma proposta irresistível do técnico Ariosto Pires Miguéis. “Eles tinham uma promoção chamada

Galo Milionário que rendia um bom dinheiro e resolveram montar um timaço. Eu assinei por uma quantia estimada, mais ou menos, em oito mil reais, traduzindo em moeda de hoje. Não havia como recusar”, disse Milton.

Quando trocou o Atlético pelo Independência, em 1982, Milton conta que o fez porque novamente teve uma ótima proposta. “Quem me chamou foi o Eugênio Mansour. Mas pesou também na minha decisão de sair do Galo e aceitar o convite do Tri-

color do Marinho Monte, além do bom dinheiro, a perspectiva de jogar num time vencedor”, explicou.

Depois da experiência no Independência, Milton voltou ao Juventus (em 1984), onde permaneceu até pendurar as chuteiras, em 1988. Hoje, aos 62 anos, não quer mais saber de futebol. Não bate peladas e nem frequenta estádios. A explicação desse distanciamento do mundo da bola? Muito simples, na visão dele: “Tecnicamente o futebol atual é muito mais pobre”.



JUVENTUS/1984 - Em pé, da esquerda para a direita: Lécio, Milton, Mauro, Sabino, Anibal e Roberto. Agachados: Venícius, Antônio Júlio, Guga, Gerson e Dadão. Acervo/Francisco Dandão



MILTON praticando uma de suas defesas acrobáticas. Acervo/ Milton Costa

ENTREVISTA

Alencar

Francisco Dandão

Paraense de Belém, onde nasceu em 21 de janeiro de 1938, o hoje empresário Sebastião Melo de Alencar mudou-se para o Acre aos 29 anos, em 22 de janeiro de 1967, para exercer o cargo de gerente de uma empresa do ramo de transportes aéreos. Mudou-se e permanece até os dias que correm, não pretendendo jamais abandonar o Estado que, de acordo com ele, o recebeu “de braços abertos”.

É certo que voltou várias vezes à Belém neste período de 45 anos, mas jamais cogitou fixar residência por lá novamente. Ao contrário. Numa dessas voltas à capital das mangueiras, ainda trouxe a namorada Maria de Fátima Figueiredo de Alencar. Com D. Maria de Fátima, Alencar teve três filhos, todos acreanos: as gêmeas Camila e Kelly e o varão Waldemar.

Torcedor do Clube do Remo no seu Estado natal, Sebastião Alencar não podia deixar de lado o futebol só porque mudou de endereço. E assim, sem saber bem o porquê, logo se viu associado e torcendo pelo Rio Branco Futebol Clube. Tanto que, oito anos depois, em 1975, já estava atuando no posto de vice de um presidente chamado João Carlos Ferreira Costa.

João Carlos Costa acabou deixando o cargo no meio do mandato, depois de ser suspenso pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), por conta de uma confusão na decisão do campeonato de 1975, contra o Juventus. Alencar, então, o substituiu e depois disso foi eleito para outros seis mandatos: 1979/1980, 1981/1982, 1989/1990, 1991/1992, 1997/1999 e 2000/2002. Mais quatorze anos como presidente!

Foi com esse personagem do futebol acreano que eu tive uma longa

conversa na sede da sua empresa distribuidora de água mineral, a Verágua, depois de passar por uma

rigorosa revista de meia dúzia de seguranças (proteção necessária para quem já foi vítima de vários assaltos

no local), em meados de julho deste ano de 2012. Abaixo, os principais trechos dessa conversa.



O seu início como dirigente de clube no futebol acreano... Como é que isso aconteceu?

Sebastião Alencar - O meu ingresso no Rio Branco se deu por conta de um convite que eu recebi do advogado Edmir Borges Gadelha e do jornalista José Chalub Leite, porque na época estava havendo uma dificuldade para encontrar pessoas que quisessem compor a direção do clube. Essas dificuldades remontavam há alguns anos, desde o surgimento do Juventus. Quando o Juventus nasceu, o Rio Branco ficou praticamente acabado. Então, era um sacrifício muito grande assumir o Rio Branco naquelas circunstâncias. Além disso, o Rio Branco era um clube muito fechado. E também, naquele momento, o clube praticamente não tinha receita nenhuma. Por conta de tudo isso, os dirigentes mais antigos do Rio Branco, aquela turma mais tradicional, se recusava a assumir a direção do clube. Fomos convidados, então, para encarar o desafio, o João Carlos, que era gerente da Sabenacre, e eu, que era gerente da Vasp. Ele como presidente e eu como vice.

Você falou que o clube não tinha recursos... O que foi que você fez para minimizar esse problema?

Sebastião Alencar - Em 1976, quando eu assumi no lugar do João Carlos, uma das minhas maiores preocupações era justamente dotar o clube de uma fonte de receita. Foi aí então que eu tive a ideia de construir a galeria de lojas, na frente do Estádio José de Melo. Mandei fazer um projeto que, aliás, paguei com dinheiro do meu próprio bolso. Mandei fazer na empresa do nosso saudoso amigo Paraíba e, no fim das contas, saiu um projeto que, para a época, era algo praticamente impossível de realizar. Era um projeto bem ousado. Depois de algumas reuniões com o Conselho Deliberativo, os conselheiros me autorizaram a fazer, com a advertência de que o patrimônio do clube não fi-

casse comprometido. Neste ano construí as primeiras lojas. E deixei o projeto pronto para que os próximos dirigentes dessem sequência. Mas o presidente seguinte, o Alberto Felício, não deu sequência ao projeto nos seus dois anos de mandato. Voltou-se mais para a parte social. Fez melhorias na sede, mas deixou o projeto parado. Quando acabou o mandato, ele me procurou e disse que ia tentar a reeleição e que, então, iria terminar “aquelas casinhas” que eu havia começado. Só que ele queria alterar o projeto original, tirando a parte da laje e fazendo a cobertura com telha. Isso me motivou a concorrer novamente ao cargo. Concorri, ganhei por um voto, e terminei a construção da galeria.

E os mandatos seguintes? Fale sobre eles.

Sebastião Alencar - Na minha segunda passagem eu fiquei por quatro anos na direção do Rio Branco. Dois mandatos, portanto. Aí fiquei de fora no período de 1983 a 1988. Voltei em 1989, atendendo a um pedido do presidente da federação, o doutor Antônio Aquino Lopes, que naquele momento fazia um grande esforço para profissionalizar o futebol acreano. É que havia uma reação terrível dos outros clubes, em sentido contrário à profissionalização. Dentro do Rio Branco, mesmo, ninguém queria. E eu e o presidente Aquino entendíamos que não havia outra saída para o nosso futebol que não fosse a profissionalização. Eu posso dizer que só voltei a dirigir o Rio Branco para ajudar no processo de profissionalização. Aí fiquei mais quatro anos, até 1992. Mas no ano da profissionalização, é bom que se diga, o Rio Branco participou de uma competição promovida pela

CBF para tirar os vinte e quatro clubes que formariam a segunda divisão do futebol brasileiro, fazendo uma campanha memorável e se classificando em décimo sexto lugar. O Rio Branco disputou a segunda divisão de 1990, 1991 e 1992. Deixei o clube classificado na segunda divisão. Infelizmente, em 1993 ele caiu, porém não mais sob a minha direção. Voltei mais uma vez em 1997, para um mandato três anos, já que o estatuto do clube fora modificado. E, posteriormente, cumpri o meu último mandato, de 2000 a 2002.

“Eu sempre fui ligado a futebol, acompanhando tudo que eu podia. E pelo fato de eu ser o gerente local da Vasp, eu tinha um relacionamento muito grande, em nível de Brasil.”

Agora eu gostaria que você falasse sobre o processo de formação das equipes no seu tempo de presidente, dado que você quase sempre formou times de muito bom nível.

Sebastião Alencar - Eu sempre fui ligado a futebol, acompanhando tudo que eu podia. E pelo fato de eu ser o gerente local da Vasp, eu tinha um relacionamento muito grande, em nível de Brasil. E eu tinha amizade com muita gente que também gostava de futebol. E através dessas pessoas eu costumava tomar informações a respeito de muitos atletas. E sempre que era possível eu saía para assistir jogos por aí. De forma que, com todo esse trânsito, eu só costumava contratar jogador que eu via jogar. Raramente, mas raramente mesmo, eu contratava apenas por indicação de terceiros. Quando a contratação se dava por terceiros, normalmente alguns erros eram cometidos. Na maioria das vezes, os jogadores contratados vinham e resolviam. As contratações obedeciam a esses critérios. Na formação da equipe de 1997, por exemplo, quando o Rio Branco foi campeão da Copa Norte, ganhando a decisão em pleno Mangueirão, eu havia passado, antes, quarenta e poucos dias em Goiânia...



RIO BRANCO - 1980. Em pé, da esquerda para a direita: Tião, Cleiber, Vílson, Zezito, Sr. Chiquinho (torcedor), Chicão e Sebastião Alencar (presidente). Agachados: Paulo Roberto, Eli, Mário Vieira, Adalberto, Irineu e Nino. Acervo/Chicão Araújo

Fui fazer um tratamento, e naquela oportunidade eu dediquei grande parte do meu tempo vendo futebol e fui anotando o nome de vários jogadores. Foi de lá que vieram Ronaldo Paraíba, Romilton, Cícero, Marcelão, Biro-Biro, Bala... Eram jogadores que eu havia visto jogar.

Sobre títulos, Alencar, quais os que você acha que foram mais expressivos da sua época de dirigente?

Sebastião Alencar - Eu acho que chegar as oitavas de final de uma Copa do Brasil, que foi aonde chegamos em 1997, isso se configura num feito extraordinário. Eliminamos dois times, um time de Roraima e o Goiás. Só perdemos para o Flamengo, no Maracanã. E depois ganhamos a Copa Norte, como eu já disse antes. Com esse título, naquela época o regulamento dizia que o campeão do Norte seria um dos representantes brasileiros na Copa Sul-Americana, que naquele tempo se chamava Comebol.

E o Rio Branco foi o primeiro clube do Norte do Brasil a representar o país numa competição sul-americana. Isso também em 1997. Jogamos contra um time da Colômbia, ganhamos lá de dois a um, perdemos aqui de um a zero e aí fomos eliminados nos pênaltis. Uma participação muito boa. E note-se que no ano anterior esse mesmo time colombiano que o Rio Branco enfrentou, no caso o Deportivo Tolima, havia tirado o Vasco da mesma competição. Agora, fora esses dois, eu fui um dirigente que ganhou muitos títulos. No tempo do amadorismo, ganhei o Copão da Amazônia duas vezes. Dos três títulos de campeão da Amazônia que o Rio Branco tem, dois deles foram comigo: 1976 e 1979. O terceiro, em 1984, foi

sob a direção do Wilson Barbosa.

A respeito da manutenção dessas equipes vencedoras... A folha tinha um alto valor? Alguém ajudava a pagar?

“ Eu acho que chegar as oitavas de final de uma Copa do Brasil, que foi aonde chegamos em 1997, isso se configura num feito extraordinário. Eliminamos dois times, um time de Roraima e o Goiás. ”

Sebastião Alencar - Isso aí é uma coisa que eu até nem gostaria de falar. Isso porque naquela época não se tinha ajuda de nada. Não se recebia apoio de ninguém. O comércio aqui é fraco, não se tinha patrocínio, nada disso... Governo, nem pensar em dar alguma coisa... Nunca... Até então, os governantes exerciam o seu ofício de costas

para o futebol. Então, eu tive que bancar muita coisa do meu bolso. Sem retorno financeiro algum, somente pelo prazer. Mas tudo dentro das minhas possibilidades... Nunca sacrifiquei a

minha família ou os meus negócios por conta do futebol. O meu excedente, aquilo que era possível, eu bancava. Mas ressalte-se que o Rio Branco também tinha a sua estrutura, a galeria de lojas, tinha a sua receita. Além disso, nessa época a gente também conseguia algum recurso movimentando a sede social, promovendo festas nos finais de semana. Não era muito dinheiro, mas dava alguma coisa. E o que faltava, eu completava... E o Rio Branco sempre pagou rigorosamente em dias os seus atletas, nunca atrasou nada. Se duvidar, o Rio Branco talvez seja o único clube profissional do Brasil que jamais sofreu algum tipo de ação na justiça do trabalho. Nunca!

Jogadores problema, indisciplinados... Você conviveu com alguns?

Sebastião Alencar - Quando acontecia isso de ter um jogador indisciplinado, que tava contaminando o ambiente, eu simplesmente mandava embora. Pagava e mandava embora. Eu não vou citar nomes, mas que teve alguns, isso teve. Não tem jeito. Em grupamentos humanos sempre tem gente boa e gente ruim. Mas não é difícil de controlar. Tem que ter pulso. Não pode é passar a mão na cabeça e deixar fazendo parte do grupo.

Técnicos... Cite os melhores com os quais você trabalhou.

Sebastião Alencar - Na época do amadorismo, o melhor técnico com o qual eu trabalhei foi o Antônio Leó. Foi com ele que eu ganhei os meus dois títulos de campeão da Amazônia. Mas teve muitos outros de excelente nível profissional... O Júlio D'Anzicourt, o Alício Santos... Com o Alício Santos tem até uma passagem engraçada. Nós estávamos decidindo um título com o Independência e a gente estava ganhando por um a zero... O jogo tava tranquilo. Lá pelas tantas, já no segundo tempo, o nosso lateral-esquerdo, o Tião, foi expulso e o Alício Santos não tomou nenhuma providên-

cia para recompor a defesa do Rio Branco. E por aquele setor aberto, em poucos minutos, o Independência foi lá e fez três gols. Virou o jogo para três a um. Terminado o jogo, os repórteres foram entrevistar o Alício Santos e questionaram por que ele não tinha recomposto a defesa depois da expulsão do Tião. Resposta do Alício Santos: - E o Tião foi expulso? Quando? Mas voltando à pergunta sobre os melhores técnicos, na fase profissional um treinador que eu gostei muito de trabalhar foi o Marcelo Altino, um carioca que eu conheci trabalhando em Goiás e que foi o nosso comandante nas campanhas da Copa Norte e que levou o time às oitavas de final da Copa do Brasil.

Formação de jogadores... O Rio Branco, ultimamente, parece que não tem aproveitado muito os meninos das divisões de base...

Sebastião Alencar - No meu tempo de dirigente, eu dei muito apoio às categorias de base, na época sob a responsabilidade do ex-goleiro Illimani Soares. Ele tomava conta dos meninos desde a categoria infantil até ao time de juniores. Inclusive o mesmo material usado pelos profissionais era usado também pelos garotos. Formamos muitos bons jogadores. Cheguei até a dar material escolar para os meninos, com a marca do Rio Branco, que eu mandava fazer em São Paulo. Eu posso até citar, dentro de meninos das categorias de base que subiram para o time de cima, gente como o Roberto Ferraz, o Othon, o Testinha, o Paulo Henrique, o Ulisses Torres, o Mauricinho, o Jorge Jacaré... Teve um time cheio de meninos chamados de Menudos. Isso na gestão do José Macedo, que me sucedeu, sob

o comando do cearense Coca-Cola, que tinha sido contratado ainda na minha gestão. Esses jogadores todos chegaram ao Rio Branco bem meninos. Agora, infelizmente, nos últimos anos eu lamento que essa política de formação tenha sido abandonada. E

Na época do amadorismo, o melhor técnico com o qual eu trabalhei foi o Antônio Leó. Foi com ele que eu ganhei os meus dois títulos de campeão da Amazônia. Mas teve muitos outros de excelente nível profissional...

note que teve uma safra boa recentemente. Essa meninada que está no Atlético hoje, grande parte foi formada nas divisões de base do Rio Branco: Pretinho, Polaco, Jessé, Tragodara, Josy, todos eram do Rio Branco. Infelizmente, não foram aproveitados.

E o time atual do Rio Branco, Alencar, por que não consegue subir para a série B, embora quase sempre chegue muito perto disso?

Sebastião Alencar - O futebol do Acre tomou um impulso muito grande com a inauguração da Arena da Floresta e com o apoio, inclusive financeiro, que o governo do Estado tem dado. É uma nova etapa, uma nova vida para o futebol do Acre. Esforço e dedicação, portanto, não tem faltado. A gente pode criticar o Natal [ex-presidente do Rio Branco], mas méritos ele tem, no sentido de que é um torcedor fanático do Estrelão e de uma dedicação muito grande. Tem os defeitos dele, por ser muito centralizador, não se aconselha, sequer, com alguém, e aí comete os erros sozinho, achando que está certo. Se ele fosse mais liberal com relação a isso, entendendo que as pessoas não querem simplesmente interferir no trabalho dele, provavelmente o Rio Branco teria se dado melhor nessa caminhada. No meu entender, com todo o apoio que o time tem hoje, não tem porque não fazer bons times, não tem porque não subir. O que fal-

tu, no meu entender, nos últimos tempos, foi diálogo da parte do presidente com as pessoas ao redor dele igualmente interessadas no sucesso do clube. E acho também que muitas vezes alguns dirigentes se deixam impressionar com a conversa de empresários de jogadores. Empresário liga noite e dia para os dirigentes dos clubes. Isso acontecia comigo. E se você se impressionar com os currículos que chegam, há um risco grande de comprar gato por lebre. Penso que isso também pode ter acontecido em alguns momentos...

Já que você tocou nesse assunto de dirigentes, eu gostaria que você me dissesse quais os maiores com os quais você conviveu no futebol acreano...

Sebastião Alencar - Eu convivi com grandes dirigentes. Mas o principal deles, sem dúvida, foi o Elias Mansour. Ele teve a capacidade de fundar um clube e, além disso, sabia como poucos destruir o adversário. O Juventus se tornou forte, desde o seu surgimento, pela inteligência do Elias. Ele tirou tudo o que tinha de bom no Rio Branco e levou para o Juventus. É uma coisa que magoa os riobranquinos, mas tem-se que reconhecer a sagacidade do líder juventino. Ele fez do nada, sem dinheiro, só com a sua inteligência, um clube forte, como é até hoje o Juventus. Eu tive muitas divergências, muitas discussões, com o Elias, mas ele era um adversário leal. Fora das lides esportivas, a gente se dava até bem. Esse, eu acho que foi um dirigente insuperável. Não sei como ele estaria hoje, na era do profissionalismo, se vivo fosse, porque ele era contra esse tipo de futebol no Acre. Mas o Elias, no meu entendimento, foi o expoente máximo como dirigente do futebol acreano.

Por último, Alencar, o que você gostaria de ter feito pelo Rio Branco que não teve como fazer nos seus mandatos como presidente?



SEBASTIÃO Alencar fala durante festividade de aniversário do Estrelão. Foto/Manoel Façanha

Sebastião Alencar - Dentro das possibilidades do meu tempo, é bom que fique claro, tudo o que foi feito no Rio Branco não teve apoio de ninguém, foi feito por mim. Modéstia à parte. Não tive ajuda financeira de ninguém. Aquela galeria, por exemplo, ali não tem uma banda de tijolo dada por ninguém, nem pelo Governo, nem por algum empresário, nem sócios do clube, ninguém... Então, eu acho que foi uma conquista extraordinária. O que me foi possível fazer foi feito. O que eu lamento é não ter mais energia e saúde para prosseguir por mais um ou dois mandatos. Eu gostaria de ter hoje meus cinquenta anos para ter mais um período dirigindo o Rio Branco, com o advento da Arena da Floresta e com todas as ajudas que tem. Com certeza, eu acredito que poderia fazer muito bem para o Rio Branco. O sonho que

eu tive para realizar no clube que não consegui foi a construção do centro de treinamento, lá na estrada de Porto Velho. Essa é a grande obra que precisa ser feita pelo Rio Branco, a obra que alguém tem que ter a coragem de iniciar. Na hora que aparecer um dirigente com uma boa visão, de que o futuro do futebol do Brasil, como já é na Europa, passa pela estrutura de um centro de treinamento, capaz de dar as condições necessárias para formar atletas, aí nós teremos chegado ao que se pode chamar ponto de excelência. Que eu me lembre, não ter construído o centro de treinamento é a minha única frustração do tempo em que eu dirigi o Rio Branco. Mas tenho consciência que era, na época, uma missão impossível!



ENTREVISTA

Touca

Francisco Dandão

Filho dos migrantes cearenses Gonçalo Moreira Boaventura e Raimunda Olímpio Boaventura, que vieram para o Acre nos primeiros anos do século XX, época do 1º ciclo da borracha, o funcionário público federal aposentado Clóter Olímpio Boaventura foi mais um dos muitos acreanos a nascer numa casa extremamente humilde no meio da floresta amazônica.

Sétimo de uma família composta por nove irmãos, seis dos quais já falecidos, Clóter nasceu no dia 19 de outubro de 1929, no seringal Campo Esperança, pertencente a um senhor conhecido pelo nome de “Velho Araújo”, localidade aonde somente se chegava caminhando durante dois dias, em “marcha acelerada”, por varadouros estreitos e sinuosos.

Ainda menino, entretanto, mais precisamente em 1937, prestes a completar 8 anos, Clóter e a família mudaram-se para a capital, Rio Branco, uma vez que o velho Gonçalo Moreira Boaventura, já cansado dos muitos anos de lida na selva, e pretendendo que os filhos cursassem a escola regular, conseguiu um lugar como funcionário do Poder Judiciário.

Na adolescência, estudando no Colégio Acreano e batendo todas as peladas que podia, tanto faz se em quadras de cimento ou em campinhos de terra batida, começou a sair de cena o menino seringueiro e surgir o maior atacante do futebol acreano de todos os tempos (praticante, igualmente destacado, de salto em distância e corrida de 100 e 200 metros). E aquele que fora batizado Clóter virou Touca (ele não sabe a origem do apelido).

Nas linhas seguintes, o resumo de uma conversa que

eu tive com esse lendário jogador do futebol acreano chamado Touca, numa manhã quente de agosto de

Primeiro, eu gostaria que você falasse da sua juventude, de como foi que o esporte entrou na sua vida?

Touca - O meu tempo de jovem foi como o de qualquer outro daquela geração. Eu era um menino caseiro, totalmente obediente às ordens tanto paternas quanto maternas. E quanto ao esporte, também como qualquer garoto da minha época, comecei batendo bola no terreiro de casa, o que me levou a entrar num time formado

2012, na varanda da sua casa, no Conjunto Bela Vista, dois meses antes do seu aniversário de 83 anos,

por um vizinho. Daí fui tomando gosto e um dia fui ao estádio José de Melo e comecei a treinar por conta própria. Às vezes até na parte da noite, escondido, que o presidente do Rio Branco, o major Izidoro, não gostava que a gente invadisse o campo, porque ele achava que estragava o gramado. Por essa época apareceu um time de um senhor chamado Possidônio, que morava ali onde hoje é a Vila Ivonete, e eu acabei indo pra lá. E fora isso, eu jogava também no time do Colégio Acreano,

tendo como testemunhas trinta e dois canários, cinco curiós e um cachorro, todos criados por ele.

que era formado a partir das aulas de educação física. Aliás, aproveitando o tema, eu que durante muitos anos fui professor de educação física, quero dizer que lamento a forma como hoje a disciplina é ministrada nas escolas, isso em nível de Brasil, que não mais privilegia a iniciação de atletas para futuras competições de alto rendimento. O fiasco recente nos Jogos Olímpicos é prova disso!

Quanto a sua trajetória enquanto



jogador de time “federado” mesmo, disputando campeonatos estaduais, como é que foi?

Touca - Eu posso dizer que durante a maior parte da minha carreira eu joguei no Rio Branco. Mas antes do Rio Branco eu fui para o Independência quando da fundação do clube, levado pelo meu cunhado Gilmar, pai do Bico-Bico. Mas eu fiquei pouco tempo por lá. Logo eu mudei para o Rio Branco, para fazer parte do que naquele tempo a gente chamava de “segundo quadro” [aspirantes]. Eu era visto pelos dirigentes do Rio Branco como um garoto promissor, mas como lá tinha uma equipe muito boa, em princípio eu fiquei mesmo no “segundo quadro”. Só que eu não demorei muito nessa condição, ganhando uma vaga nos titulares no lugar de um jogador chamado Zé Arigó, que faleceu em decorrência de complicações por excesso de bebida alcoólica. Isso, mais ou menos, se não me falha a memória, no ano de 1949. Acabei ficando no clube por dezoito anos. Nesse tempo, é certo, joguei por breves períodos em outros times, mas sempre acabava voltando para o Rio Branco. Já quase em fim de carreira, é bom que se registre, em 1966, também joguei um período pelo Juventus. Mas depois que eu tinha parado, já com 42 anos, ainda voltei e fiz uns jogos pelo Andirá, atendendo a um apelo de um amigo, o técnico Olavo Pontes.

Como era o futebol acreano do seu tempo?

Touca - Olha, por incrível que pareça eu entendo que era um futebol muito mais responsável do que o que eu vejo hoje em dia. Isso porque o camarada jogava por amor à camisa. Os jogadores davam tudo de si para fazer com que o seu time ganhasse. No regime profissional, que é o que prevalece atualmente, todo mundo só quer saber de dinheiro, parece que ninguém mais se identifica com as cores do seu time. Se alguém oferece

mais, o sujeito não pensa duas vezes e se muda correndo para o concorrente. Não existe mais amor à camisa, como nos idos de antigamente.

Sobre os técnicos com os quais você conviveu. Fale deles, por favor.

Touca - Eu fui dirigido por vários técnicos, mas o que eu mais me lembro é do tenente Ruy Azevedo. Depois teve um senhor que era professor de educação física, chamado Romeu. Esses foram os dois técnicos que mais me marcaram, pela maneira inteligente com que eles armavam as suas equipes. Esses dois eu considero acima de todos os outros. Eles tinham controle sobre os grupos que dirigiam e faziam questão de orientar a conduta dos jogadores tanto dentro quanto fora de campo. Coisa que a gente não vê mais hoje. O caso do Neymar, do Santos, por exemplo. Excelente jogador, mas, no meu entender, tem um código de vida, de exibição, que absolutamente não condiz com o de um jogador de futebol profissional. Para mim isso é falta de orientação. Eu acho que o Neymar tem potencial para ser um dos maiores craques do mundo, em todos os tempos, mas, para isso precisa de orientação, que é para fazer umas coisas e deixar de fazer outras.

Dirigentes... No seu entender,

quais os melhores e quais os piores do futebol acreano?

Touca - Eu tive grandes dirigentes, assim como existiram alguns que deixaram muito a desejar. Para mim, o maior dirigente do futebol acreano foi o doutor Ary Rodrigues, que tanto foi presidente do Rio Branco quanto da federação. Ele era mais do que um presidente. Ele era um amigo dos jogadores. Ele dava assistência total aos jogadores. Aliás, não somente como dirigente esportivo, mas também na sua profissão de médico, o doutor Ary Rodrigues foi um homem excepcional. E no que diz respeito à parte financeira, outro grande dirigente também foi o Alberto Felício, que era dono da Casa Natal. Quando ele assumiu o Rio Branco, o clube tinha certa dívida na praça e ele pagou tudinho. E fora isso, ainda, foi na gestão dele no Rio Branco que começou a construção daquela galeria de lojas, na frente do estádio José de Melo, hoje uma das principais fontes de recursos do clube. Sem esquecer aquele outro grande presidente, que foi quem terminou a construção das lojas. No caso, o Sebastião Alencar. Esse foi outro dirigente de muita competência. Mas eu posso citar, ainda, além desses, o capitão Braga Rola, fundador da Federação Acreana de Desportos e de um time chamado Fortaleza, o Luís Erich, o Raimundo



SELEÇÃO ACREANA - 1957. Em pé, da esquerda para a direita: Pedrito, Cidico, Boá, Antônio Leó, Mozarino, Zé Cláudio, Valdo, Adalberto Pereira e Tinoco. Agachados: Bararu, Carrion, Fued, Roberto Araújo, Touca, Hugo e Pedro Feitosa. Acervo/Clóter Boaventura

Teixeira e a Dona Inglesinha, ligada ao América. Sobre maus dirigentes, pra ser sincero [gargalhando], eu prefiro não falar de coisa ruim.

Os grandes jogadores do futebol acreano... Quem você destacaria?

Touca - O maior jogador do futebol acreano, pra mim, foi um zagueiro chamado Curica, natural da cidade de Xapuri. Eu acho que atualmente o Curica poderia jogar em qualquer time do Brasil, sem favor nenhum. Lamentavelmente, ele teve problemas na sua vida privada e acabou não chegando praticamente a lugar algum. Mas, como jogador mesmo, do ponto de vista técnico, que a vida particular dele não me diz respeito, ele era fantástico. Foi o maior jogador que eu vi no futebol acreano. E ele não era do meu tempo. Ele jogou um pouco depois de mim. Agora, entre os cobras do meu tempo eu posso citar Carrion, Fued, Hugo, Pedro Feitosa, esse um grande lançador... Teve o Boá... Eu posso até te dizer que uma seleção que nós fizemos aqui no ano de 1957, essa não tinha pra ninguém não. Aquela década ali foi privilegiada em termos de bons jogadores locais.

Quando você jogava, a única maneira de fazer algum intercâmbio com equipes de outros estados era trazê-las aqui ou ir até lá, né mesmo? Como era isso?

Touca - Não tinha muito intercâmbio não. Mas nós fizemos algumas excursões. As mais vitoriosas foram as de uma seleção acreana, justamente neste ano de 1957, que eu falei há pouco. Uma para Riberalta [Bolívia] e outra para Manaus. Tanto num lugar quanto no outro nós demos um verdadeiro show. Em Riberalta nós ganhamos todas. Já em Manaus, nos ganhamos os quatro jogos que fomos, inicialmente, contratados para fazer e depois perdemos um quinto, que eles inventaram para, digamos, lavar a honra do futebol amazonense. Res-



RIO BRANCO FC, no início da década de 1960 - Em pé, da esquerda para direita: Wladimiro Lustosa, Oscar Fecury, Fernando Gama, Campos Pereira, Tenório, Lourival Sombra, Maurício, Tião Lustosa e Raimundinho. Agachados: Cássio, Trinta e um, Professor Pinho, Touca, Evaldo, Dau e Cidico. Acervo/Francisco Dandão

salte-se que nesta quinta partida, esta que nós perdemos, não jogou nem eu nem o zagueiro Antônio Leó. Fomos punidos pelo técnico Té porque tínhamos saído do hotel na nossa hora de folga, quando nem sabíamos que ia ter a tal quinta partida. Todos os jogadores saíram. Ao sermos chamados a atenção, quase todo mundo se desculpou. Menos eu e o Leó, porque entendíamos que não tínhamos feito nada errado. Aí não jogamos e a seleção acreana perdeu. Mas em Manaus, o negócio foi tão bom, nós jogamos tão bem que ao final da excursão o governador de lá do Amazonas foi falar comigo para eu ficar no time dele, que era o Nacional. Eu agradeci, mas acabei não ficando. Preferi vir embora com a delegação.

Muita gente que viu você jogar diz que você foi o melhor de todos os jogadores acreanos. Você já disse que o Curica estava acima de qualquer um. Mas tem também o Dadão, considerado por quase todo mundo como o maior dos craques locais. Eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso. A sua percepção sobre você mesmo em comparação com outros igualmente festejados.

Touca - O Dadão, inegavelmente, foi um grande jogador. Ótimo, aliás.

Se tiver um superlativo além desses, eu o uso para qualificar o Dadão. Mas, a posição dele era meio campo, ele era um construtor, um articulador de jogadas... Existiu muita gente boa que jogava como armador e muita gente boa também cuja missão era a de finalizador. Da mesma forma existiam grandes jogadores cujo papel era o de defender. Então, o Dadão não merece, em hipótese alguma, o que é dito dele, porque ele foi, de fato, um grande jogador. Da minha parte, eu tinha uma facilidade muito grande em quase todos os fundamentos. Eu chutava com os dois pés, mas com um de cada vez [gargalhando], com a mesma eficiência, eu tinha uma ótima impulsão e fazia muitos gols. Para mim, se diz que um jogador é bom quando ele cumpre as funções que lhe determina a posição. Ou seja, o defensor deve defender com eficiência, o criador de jogadas deve pensar as melhores opções para o jogo, e o atacante deve mandar a bola para as redes. E outra coisa: só é bom o jogador que pensa antes, que antevê o lance. O sujeito tem que pensar as opções antes de a bola vir para ele, pensar em jogadas que possam favorecer o time dele. Agora tem uma coisa que precisa ficar clara: ninguém pode se dizer bom sozinho em se tratando de esporte co-

letivo. Não existe isso!

Em 2007, quando de uma entrevista que eu fiz com o técnico Walter Félix de Souza, o Té, ele me disse que você, ele, D. Dinah Gadelha, padre Mário e padre Antônio Anelli é quem teriam, de fato, tido a iniciativa de fundar o Juventus e que o professor Elias Mansour só entrou como convidado, um tempo depois. Foram apenas essas pessoas mesmo? Como é que se deu isso?

Touca - Exato. Foram de fato essas pessoas que se reuniram, num primeiro momento, para criar o Juventus. Mas é preciso que se faça algumas ressalvas. A ideia inicial partiu mesmo foi do padre Antônio Anelli. O idealizador foi o padre Antônio. Aliás, ele queria que o nome do time fosse Juventude. Só depois de algumas discussões foi que a gente optou pelo nome Juventus, sugestão minha, aliás. Mas foi o padre Antônio Anelli que iniciou o processo. Eu, o Té, D. Dinah e o padre Mário fomos coadjuvantes. Eu, no caso, fui convidado para fazer parte da criação porque eles me queriam como jogador. A minha importância para aquele momento era somente essa. Ao tempo em que eu ajudava a criar uma equipe, nada mais lógico que me integrasse a ela como seu jogador. A outra ressalva é a de que embora o Elias Mansour tenha chegado num momento imediatamente seguinte, é a ele que o Juventus deve o que é hoje. O Elias incorporou a ideia e fez daquilo praticamente a maior bandeira da sua vida, chegando até a gastar todo o seu salário de professor para ajudar o clube. Quando o padre Antônio foi transferido para uma paróquia de outra cidade, por exemplo, se não fosse o Elias o Juventus talvez tivesse até acabado. Eu chego até a afirmar que todo o patrimônio que o Juventus tem hoje se deve à dedicação do Elias Mansour. Além disso, por conta do seu espírito de liderança, o Elias conseguiu agregar várias pessoas, formando grupos de trabalho voluntário para ajudar

no crescimento do clube. É o caso, por exemplo, das “madrinhas”, que era um grupo composto por senhoras da sociedade local... Dona Iolanda, Dona Hilda... Em resumo, não seria exagero dizer que o Elias e o Juventus são partes de uma mesma história.

E ainda sobre o Juventus, dizem que vocês levaram, em 1966, época da fundação do clube, quase todos os jogadores do Rio Branco para jogar no Clube da Águia. Como é que foi isso?

Touca - Não, não, isso é exagero, não foram quase todos não. Alguns jogadores do Rio Branco foram, de fato, para o Juventus, num primeiro momento, mas teve vários outros que só foram muito tempo depois. Vou lhe dar um exemplo de dois que só foram do Rio Branco para o Juventus um tempo depois: o Campos Pereira e o Dadão. O que acontece é que o Juventus, o que me parece muito natural, tentava levar para defender suas cores sempre os melhores jogadores que havia por aqui. Mas quem é que não quer os melhores no seu time? Então é isso. O Juventus queria os melhores e oferecia condições para que estes jogassem na equipe.

Você chegou a ser técnico de futebol?

Touca - Fui, eu cheguei a ser técnico do Independência e do Rio Branco. Eu me lembro até de um caso, quando eu treinava o Rio Branco, da falta do nosso goleiro, num determinado jogo... O nosso goleiro era o Raimundinho Quelé... Daí, num certo dia ele faltou e eu é que fui para o gol. Nesse tempo eu dividia as funções de jogador e técnico, mas só jogava muito raramente. E aí acabei no gol. Mas a minha vida como treinador durou muito pouco. Logo eu precisei fazer muitas viagens a trabalho e ficou impossível conciliar as duas atividades. Ser técnico era mais por paixão ao futebol, não havia profissionalismo e, assim, chegou a hora que eu tive que ir cuidar da vida.

Decepções e alegrias com o futebol... Qual dessas alternativas prevaleceu na sua vida?

Touca - Decepção, grande decepção mesmo, eu não cheguei a ter não. Decepção só quando perdia um jogo para um adversário tradicional ou um daqueles jogos considerados vencidos e que a gente acabava perdendo. Alegria foram as vitórias e os elogios. Eu, por exemplo, em Manaus, quando a seleção acreana fez aquela excursão que eu já falei, em 1957, eu nunca deixei de figurar na seleção da semana. Eu participei de quatro dos cinco jogos que a seleção fez lá. Os jogos eram realizados apenas uma vez por semana. Nas quatro semanas que eu joguei fui escolhido para a seleção. Essa foi uma situação que me deu muita alegria.

Para concluir, eu gostaria que você me falasse o que você fez na sua vida que gostaria de fazer de novo e o que não faria jamais?

Touca - Olha, sinceramente, o que eu gostaria de fazer diferente era adquirir a minha formação universitária mais cedo. Na verdade, na minha época não tinha muito estudo aqui não. Tanto que para não parar de estudar eu fiz o segundo grau duas vezes. Primeiro, o científico, no Colégio Acreano. Depois, o curso de contabilista, na Escola Técnica de Comércio Acreana. Mas se eu tivesse me formado mais cedo, isso teria sido bem melhor para mim. Agora, outra coisa: o que eu gostaria mesmo, se eu pudesse, era voltar no tempo e ficar com trinta anos. Eu não tenho pretensões de ser rico, nada disso. Eu queria voltar a ter trinta anos. Para me arrepender, eu não tenho nada não. Nunca fiz mal a ninguém, nunca causei prejuízo a ninguém. Não me lembro de alguma coisa que eu fiz na vida da qual eu possa olhar para trás hoje e perder o sono, me arrepender. Nada não.





EQUIPE DO RIO BRANCO F.C. - década de 1920. Acervo/ Federação de Futebol do Acre



SELEÇÃO DE CRUZEIRO DO SUL - 1963. Em pé, da esquerda para a direita: Bonfim, Fernando, Braulino, Raimundo, Bonitinho e Lulu. Agachados: Coragem, Mauri, Maurício, Osmir, Dilair e Zé Jácome. Foto/Acervo Osmir Lima.

Vasco da Gama Campeão 65

VASCO DA GAMA - 1965.

Em pé, da esquerda para a direita: Edmir Gadelha (diretor), Almada Brito (presidente), Luís Cunha, Paulo, Aderson, Alberto, Nanico e Bruzugu.

Agachados: Moacir Tranca Rua, Ribamar, Valtinho, Zé Maria, Danilo Galo e Damázio. Foto/ Acervo Federação de Futebol do Estado do Acre.



GRÊMIO ATLÉTICO SAMPAIO - 1967. Em pé, da esquerda para a direita: Toinho, Viana, Palheta, Pional, Chico Alab e Rocha. Agachados: Amílcar, José Augusto, Babá, Rui Macaco e Ailton. Foto/Acervo grandearea.com.



JUVENTUS - 1968. Em pé, da esquerda para a direita: Rômulo, Zezé Gouveia, Viegas, Escurinho, Nostradamus, Tinôco e Milton. Agachados: Nilson, Airton, Dadão, João Carneiro, Nemetala e Eloi. Foto/Acervo Milton Ferreira da Costa.



ANDIRÁ - 1973. Em pé, da esquerda para a direita: Pituba, Saldanha, Danilo Galo, Guto, Manoelzinho e Pingonça. Agachados: Erádio, Zequinha, Targino, Caxi e Rosemir. Foto/Acervo Manoelzinho.

JUVENTUS

- 1973. Em pé, da esquerda para a direita: Mauro, Mustafa, Milton, Zé Maria, Brito e Antônio Maria. Agachados: Laureano, Dadão, Bolinha, Eliézio e Roberto Pitola. Foto/Acervo Milton Ferreira da Costa.



AMAPÁ -
1975. Em pé, da esquerda para a direita: Zé da Gorda, Toniquim, Azeitona, Buda, Lúcio, Ronaldo e João. Agachados: Regino, Maguim, Bira, Tavares, Chicana e Pintinho. Foto/Acervo Antônio Aquino Lopes.





AMAPÁ - 1977. Em pé, da esquerda para a direita: Vanginho, Tonho Almada, Maguim, Buda, Zé da Gorda e Azeitona. Agachados: Zequinha, Feitosa, Tavares, Angu e João. Foto/Acervo Antônio Lopes.



AMAPÁ - 1979. Em pé, da esquerda para a direita: José Lima, Azeitona, Jorge, Zé Hugo, Válter, Chiquinho, Buda e Marquito. Agachados: Tonho, Mauro, Angu, Feitosa, Ademir Sena, João e Saturnino. Foto/Acervo Antônio Lopes.

JUVENTUS
- 1979. Em pé, da esquerda para a direita: Raimundo Nonato, Pepino (repórter), Emilson, Neórico, Maurício, Mauro, Baiano e Normando. Agachados: Julião, Anísio, Paulinho, Carlinhos e Antônio da Loteca. Foto/ Acervo Atlético Clube Juventus.



RIO BRANCO - JUNIORES - 1981. Em pé, da esquerda para a direita: Carlão, Josias, Edmar, Luís César, Ely Roberto, Denilson, Mário, Chim, Klowsbey e Sabiá. Agachados: Magid, Jorge Jacaré, Álvaro, Ericsson, Bolinha, Mauricinho e Leco. Foto/Acervo Federação de Futebol do Estado do Acre.



ATLÉTICO ACREANO - 1982. Em pé, da esquerda para a direita: Tidal, Zé Gilberto, Gilmar, Chicão, Jaime e Eduardo. Agachados: Manoelzinho, Carioca, Socó, Pintinho e Nirval. Foto/Acervo Chicão Araújo.



INDEPENDÊNCIA - 1986.

Em pé, da esquerda para a direita: Paulão, Gilmar, Klowbey, Delcir, Merica e Cid. Agachados: Paulinho, Marquinhos, Carlinhos, Mariceudo e Cardosinho. Foto/Acervo Manoel Façanha.



SELEÇÃO DE MASTERS - 1989. Em pé, da esquerda para a direita: Milton, Francisco Mesquita (diretor), Mauro, Mesquita, Ronivon (técnico), Dadão, Antônio Maria, Uchôa, Mário Vieira, Viana, Neórico, Tadeu, Heitor (comissão técnica), Azeitona, Pingo, Paulo Brasil, Cleber e Reginaldo. Agachados: Otávio, Rui Macaco, Assis, Rinaldo, Flaviano Melo (governador), Santiago, Jones, Elizio, Roberto Ferreira e Toniquinho. Sentado: Pará. Foto/Acervo Federação de Futebol do Estado do Acre.



VASCO DA GAMA - 1999. Em pé, da esquerda para a direita: Ben Johnson, Elisson, Chicão, Carlinhos I e Carlinhos II. Agachados: Michel, Juscelâneo, Madson, Ricardinho, Mamude e Merica. Foto/Acervo Chicão Araújo.



INDEPENDÊNCIA - 2000. Em pé, da esquerda para a direita: Jairo, Alan, Jorge Cubu, Jorge, Valtemir e Carlos. Agachados: Siqueira, Edilsinho, Mundoca, Artemar e Redson. Foto/Francisco Chagas



ALTO ACRE - 2012. Em pé, da esquerda para a direita: Passos (preparador físico), Nego Gil, Vaca, Eduardinho, Leandro Mathias, Kalu, Diego e Erivaldo Silva (técnico). Agachados: Ramires, Alexandre Dragão, Tinga, Pelado e Rosier. Foto/Francisco Dandão.



AMAX - 2012. Em pé, da esquerda para a direita: Jerlaian, Esquerda, Clebson, Romário, Rubens, Ramon e Renato. Agachados: Pedro, Messias, Diego, Tonho e Louzarde. Foto/ Francisco Dandão.



NAUAS - 2012. Em pé, da esquerda para a direita: Zé Armando (técnico), Darlan, Alex, Warle, Gato e Flávio. Agachados: Toninho, Vandrê, Emerson, Coida, Doni e Fred. Foto/Francisco Dandão.



Federação de Futebol do Acre

